



# VITRAL CULTURAL

*a newsletter do CCJF*

Chegou a Vitral Cultural, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal**. Por aqui, você vai encontrar matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de dicas, notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Sejam bem-vindos ao nosso espaço e, por favor, repassem o conteúdo aos amigos. Sabendo de nossas ações, podemos abrir a oportunidade para que mais pessoas possam viver a experiência de conhecer essa jóia histórica localizada na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro.



Palestrantes e participantes da mesa de abertura do VII Encontro Mulher, Poder e Democracia.

## Elas **PRECISAM** ser ouvidas

***O CCJF realizou, durante todo o mês de março, programação especial dedicada ao Mês da Mulher. No dia 5, as mesas de abertura do VII Encontro Mulher, Poder e Democracia ecoaram, dentro da emblemática Sala de Sessões do CCJF, discussões sobre a paridade de gênero em funções de poder e os desafios e conquistas das mulheres transexuais.***

A cada ano, pesquisas sobre gênero e raça escancaram os problemas sociais da sociedade brasileira. A mais recente, do Observatório de Segurança, com dados de 2023 e considerando oito estados do país, aponta que uma mulher é vítima de violência a cada três horas. Na mesma semana em que esse estudo é divulgado, aconteceu na Academia Mineira de Letras,

## Novidades no CCJF



Duas exposições, "Dragão Floresta Abundante - A aventura de Christus Nóbrega na China", de Christus Nóbrega e "Toda Noite", de Vicente de Mello, em exibição a partir do dia 13 de abril, dão início a uma parceria entre o CCJF e o IPAC - Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura, que passa a realizar um novo e amplo programa expositivo com mostras coletivas e individuais de arte brasileira. As exposições também marcam a reabertura das galerias do 2º andar do prédio histórico do CCJF e ficam por lá até dia 30 de junho. Venha conferir!

dia 8 de março, **Dia Internacional da Mulher**, a cerimônia para tornar imortal a poeta e ficcionista mineira, Conceição Evaristo. Ela é a primeira negra a ocupar a cadeira na instituição em 115 anos de história. São altos e baixos que, em pleno século XXI, o Brasil convive. Mas quando será que o lado positivo vai se sobrepor ao negativo? Não há uma data pré-definida, mas a esperança está **nelas**. Muitas mulheres têm lutado pela igualdade de gênero, quebrando o ciclo vicioso do patriarcado ao reivindicar seus direitos — aqueles garantidos pela Constituição de 1988 —, e estimulando o pensamento crítico, que tende a aliviar o preconceito.

Com o intuito de validar e apoiar esse movimento, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** realizou, durante todo o mês de março, programação especial dedicada ao Mês da Mulher. No dia 5, as mesas de abertura do " *VII Encontro Mulher, Poder e Democracia*" ecoaram, dentro da emblemática Sala de Sessões do CCJF, discussões sobre a paridade de gênero em funções de poder e os desafios e conquistas das mulheres transexuais. Simone Schreiber, desembargadora federal do Tribunal Regional Federal da 2ª Região e diretora-geral do CCJF, compôs a primeira mesa do evento e pediu mais pluralidade para que as decisões políticas e judiciais sejam tomadas a partir de vários olhares. "Quanto mais plural a composição dos Poderes, mais qualificadas serão as decisões. A descriminalização do aborto, tratada no STF, é um exemplo disso", lembra. Ela destaca que a atual realidade no país é a de que as mulheres abortam e não é oferecido um ambiente seguro para realizar o procedimento. "Temos que ter condições para que elas possam decidir em seguir ou não com a gravidez. O corpo da mulher não pode ser tutelado pelo Estado", ressaltou.

Deise Benedito, assessora da área de Direitos Humanos, Segurança Pública e Relações Raciais da Câmara Federal, corroborou a fala da parceira de mesa. "A questão dos poderes sobre os corpos das mulheres (e o direito sobre eles) é um processo que já dura 500 anos, desde o descobrimento do Brasil, quando mulheres indígenas foram desvalorizadas. Esses corpos de mulheres, especialmente pobres, negras e indígenas, são vigiados, castigados, desclassificados nessa relação de poder", destaca. Já Daniele Magalhães, defensora pública do Rio de Janeiro, dedicou o Mês da Mulher à vereadora assassinada, Marielle Franco, e suplicou por medidas que realmente combatam o sexismo e o racismo institucional. Ela terminou sua participação pedindo o empenho da negritude e da branquitude crítica brasileira para que haja, verdadeiramente, um pacto civilizatório real no Brasil. "Que a gente consiga mudar esse senso de descarte. Vamos pensar juntos em soluções para um pacto civilizatório futuro melhor", concluiu.

Logo após o debate sobre a ampliação da presença feminina em espaços de poder, foi a vez de dar voz às mulheres trans, representadas por Sara York, travesti, jornalista e especialista em Gênero e Sexualidades e Diana Conrado, advogada e assessora parlamentar da vereadora Dani Balbi (Alerj). Ao tratar do estigma carregado pelas mulheres trans no país, Sara indagou: "Quantos meandros vamos ter que insistentemente dar para mostrar a uma sociedade que ainda nos trata como inferiores, que o lugar de todas nós, trans, é em lugares diversos?" O que elas querem, de acordo com Diana, é que o preconceito das pessoas cisgênero se transforme em conceito. Um conceito, aliás, que seja pautado em uma ideia simples e direta, de que transexuais são seres humanos como qualquer um. "Creio que a transfobia está baseada em uma ideia que não condiz com a realidade. É algo pré-estabelecido. Somos pessoas que amam e sofrem, igual a todo mundo".

## Campanha Março por Elas



O **Centro Cultural Justiça Federal** organizou a campanha de doações "Março por Elas", que arrecadou itens de higiene pessoal feminina, com destino à mulheres em situação de vulnerabilidade social.

A iniciativa foi realizada durante todo o mês de março — o Mês das Mulheres —, e arrecadou pacotes de absorventes, sabonetes, pastas de dentes, escovas de dentes, kits com aparelhos de depilar e toalhinha de rosto, desodorantes, kits com shampoo e condicionador, além de peças de roupas novas ou em ótimo estado.

A campanha permitiu que dezenas de mulheres em situação de vulnerabilidade social pudessem ser contempladas com esses itens básicos para a higiene pessoal. "Março por Elas" ajuda a reafirmar o compromisso do CCJF com a justiça social. Fique por dentro das próximas ações sociais e doe você também. E por aqui, fica o nosso muito obrigado aqueles que conseguiram doar!

**Refúgio para a mente (e para os olhos)**



Foto: Divulgação. Equipe Mulheres da Palavra.

## Mulheres que inspiram, no palco e na vida

Integrando as comemorações do Mês da Mulher, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** abriu as portas para receber a Mostra “Mulheres da Palavra - Ana, Cora e Carolina”. O projeto reuniu três monólogos escritos pelo diretor Isaac Bernat, que dialogavam entre si, através da força da mulher e do poder transformador da poesia.

A cada semana, uma escritora brasileira era homenageada: Ana Martins Marques, Cora Coralina e Carolina Maria de Jesus. Mulheres à frente de seus tempos que, mesmo enfrentando dificuldades e preconceitos, quebraram barreiras com ousadia e, hoje, seguem inspirando outras mulheres a lutarem por seus espaços e persistirem em seus sonhos.

O primeiro espetáculo aconteceu nos dias 23, 24 e 25 de fevereiro. “Eu, amarelo: Carolina Maria de Jesus”, interpretado por Cyda Moreno, contou a história da ex-catadora de papel que se transformou na maior escritora negra do país do século XX. A adaptação teatral evidencia inquietudes sociais e traça um retrato de quem vive à margem da sociedade, mas não perde a fé, a coragem e o sonho, sentimentos que transcendem e inspiram.

Já nos dias 01,02 e 03 de março, foi a vez de “Tenho Quebrado Copos” ocupar o palco do CCJF. A peça, interpretada pela atriz e produtora Paula Furtado, reuniu as poesias da escritora mineira Ana Martins Marques. São poemas que falam de amor, solidão, devaneios filosóficos, entre outros temas existenciais retirados dos livros “Risque esta Palavra”, “O livro das Semelhanças” e “Da Arte das Armadilhas”.

“Cora do Rio Vermelho” encerrou a tríade de espetáculos da Mostra Mulheres da Palavra nos dias 08,09 e 10 de março. A atriz e produtora Raquel Penner encarnou uma contadora de histórias atravessada pelo amor e pela entrega de uma das mais importantes escritoras brasileiras, a goiana Cora Coralina, que se dedicou à sua tradição e à sua gente.



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar, além de computadores com acesso gratuito à internet.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca e acessar a internet a partir de nossos computadores locais.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta, das 12h às 17h.**



### Venha conhecer a nossa história

Agende uma visita orientada! Elas são realizadas pelo Setor Educativo que conta a história do prédio -- de sua construção até os dias atuais.

Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício -- exemplar da arquitetura eclética -- abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do

O projeto também realizou uma oficina teatral, “O Olhar do Griot e o Ofício do Ator”, com o professor Isaac Bernat, responsável pelos três textos da Mostra. Através de exercícios de percepção, escuta, sensibilização e presença, os participantes buscaram resgatar a sensibilidade perdida no cotidiano, expandindo a percepção individual bem como a valorização da noção de grupo.

A programação integrou o “VII Encontro Mulher, Poder e Democracia” realizado pelo CCJF, e nas três semanas de apresentações contou com a casa cheia, incluindo a presença de nomes renomados como a escritora Conceição Evaristo e o ator Paulo Betti na plateia.



Cantora Karmento se apresentando no palco do CCJF

## CCJF recebe shows internacionais no Mês das Mulheres

No Mês Internacional da Mulher, o **Centro Cultural Justiça Federal** apresentou uma programação repleta de representatividade feminina, com shows, peças, debates, sessões de cinema e muito mais. No campo musical, o público teve a oportunidade de ouvir duas atrações internacionais européias: a cantora espanhola Karmento, e a violonista grega Ioanna Kazoglou.

Para iniciar os concertos de 2024, a série Violões da Av-Rio, importante iniciativa para dar visibilidade a recitais instrumentistas em todo Brasil, Américas e Europa, apresentou a jovem violonista grega, Ioanna Kazoglou, que, aos 20 anos acumula diversos prêmios musicais. O recital da musicista aconteceu no dia 2 de março, na Sala de Sessões do CCJF, espaço considerado um ótimo local para recitais de violão, por seu decór e acústica favoráveis. De casa cheia para assisti-la, Ioanna performou, com vigor, uma coletânea de canções de Heitor Villa-Lobos, J. S. Bach, Dionisio Aguado, Vicente Asencio, Joaquin Turina e Joaquin Rodrigo, e se emocionou com a recepção do público presente.

século XX. A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

De terça a sexta das 13h às 17h

Gratuito

Agendamento:

[visitas.ccjf@trf2.jus.br](mailto:visitas.ccjf@trf2.jus.br)



Acesse o site do CCJF e confira nossa programação atualizada. [Clique aqui!](#)

Outra artista que ocupou os palcos do CCJF no Mês da Mulher foi a cantora espanhola Karmento, que iniciou a turnê do terceiro álbum, “La Serrana”, em um show gratuito no teatro do Centro Cultural Justiça Federal. Também lotando a sala de apresentações no dia 14 de março, a artista mostrou a força da música folclórica de raiz espanhola revelando uma potência performática que certamente ficará na memória dos espectadores.

Com 12 anos de carreira, Karmento lançou o primeiro disco, “Mudanzas”, no ano de 2015, e o segundo, “Este Devenir”, em 2020. Agora, ela segue em turnê pela América Latina com o álbum “La Serrana”, lançado em fevereiro de 2024.



## Elas existem e merecem visibilidade

Uma pesquisa do *World Female Imprisonment List*, do final de 2022, mostra que o Brasil possui a 3ª maior população carcerária feminina do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Esse cenário piorou nos últimos anos, devido à Lei de Drogas (11.323) que, de certa forma, acaba contribuindo para prisão de mulheres – que tendem a ser mais vulneráveis, tanto na posição de usuárias como dentro do tráfico de drogas. Para discutir o tema, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu, nos dias 7 e 8 de março, o “III Seminário Feminista sobre Encarceramento das Elas Existem”, que fez parte da programação do “V II Encontro Mulher, Poder e Democracia” do CCJF. O evento, realizado na Sala de Sessões, foi organizado pela Associação Elas Existem - Mulheres Encarceradas, uma organização sem fins lucrativos feminista interseccional que tem por finalidade atuar em prol das mulheres cis e trans que compõem o sistema penitenciário e das adolescentes do sistema socioeducativo.

Composta por advogadas, assistentes sociais, pedagogas, administradoras, entre outras profissionais, a equipe do *Elas Existem* realiza rodas de conversas e eventos para o público em geral, buscando levar as discussões sobre encarceramento feminino, abolicionismo penal, política de drogas e redução de danos no cárcere, para além da bolha dos que trabalham (e acompanham) essa frente. Carol Bispo, diretora executiva e cofundadora da *Elas Existem* abriu o evento dando as boas-vindas e apresentando as componentes da mesa cujo tema foi “Não sou eu uma mulher? Desafios da vida pós cárcere”. Com mediação de Rafaela Rosa e participação de Nathasha Laffayete,

Vanja de Oliveira, Verônica Santos, Carla Regina, Joyce Gravano e Bárbara Barbosa, todas egressas do sistema prisional, assistidas pela associação e atuantes como “multiplicadoras” no projeto, as integrantes dividiram com o público presente suas experiências no cárcere, no pós-cárcere e na reintegração.

Na segunda mesa do evento, “*Perspectiva do trabalho em Rede*”, participaram do debate: Kyrlane Beatriz, Daniel Diaz, Rafaela Rosas, Lucilene Gomes, Dayana Gusmão e Natasha Laffayette. As convidadas falaram sobre o trabalho da *Elas Existem* e sua importância para a ressocialização de cada ex-detenta, além de ressaltar a necessidade de multiplicar o trabalho da associação. Assim, outras mulheres que hoje passam pelo que elas já passaram podem ter a chance de receber o mesmo suporte e oportunidade de refazer suas vidas.

Essas são iniciativas que mostram que elas têm, sim, lugar de fala, escuta e apoio na luta contra o preconceito e pela reintegração na sociedade. O CCJF possui, inclusive, ação semelhante, que tenta reduzir os impactos do encarceramento feminino no Rio de Janeiro. O *Projeto LibertArte*, realizado em parceria com a SEAP/RJ há um ano, oferece às detentas ações voltadas à cultura, arte e educação, entre elas, a realização de cineclubes e projetos como a intervenção artística *Corpo, Gesto e Afeto*, uma parceria entre o CCJF e UFRJ que estimula atividades que lidam com a sensibilidade, criatividade e jogos corporais. Para os organizadores do *LiberArte*, o aprendizado é um dos principais meios promotores da integração social, permitindo que a pessoa privada de liberdade reescreva sua história com novas perspectivas de futuro, quando em liberdade.



## Inteligência Artificial e seus tentáculos: como utilizá-la a nosso favor?

Imagine um ‘biocomputador’ que combine tecido cerebral humano cultivado em laboratório – conhecido como organóides – com circuitos eletrônicos e que esse conjunto possa reconhecer vozes e realizar outras tarefas. Parece filme de ficção científica, mas não é. Isso já existe, de acordo com a

[Nature](#), renomada revista científica britânica. O *Brainoware*, como é conhecido, foi desenvolvido por cientistas da *Indiana University Bloomington* e expande ainda mais o caminho para a integração entre a inteligência artificial (IA) e o ser humano. Em um futuro próximo, quem sabe, o biocomputador poderá ajudar no tratamento de doenças neurológicas, como o Alzheimer. Há poucos anos, essa notícia pareceria loucura, né? Hoje, a inteligência artificial está ganhando contornos cada vez mais reais, fazendo parte do nosso cotidiano, inclusive nos serviços à população.

O exemplo do *Brainoware* foi citado por Cláudio José Silva Ribeiro, pesquisador da UNIRIO, no painel “Inteligência Artificial, Transformação Digital e Experiência do Usuário nas Bibliotecas”, que aconteceu no último dia 21 de março no “*II Encontro Nacional de Bibliotecas do Judiciário (Enabijud)*”, realizado pelo **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** – evento de três dias que contou com a participação de mais de 200 participantes de vários estados do país. Ao trazer o tema para o mundo do judiciário, Ribeiro deu o exemplo do sistema eletrônico e-Proc, implantado nos anos 2000 pelos TRFs para migrar os processos judiciais do papel para o formato digital. “A ideia da digitalização era tornar mais ágil a tramitação e análise dos processos e o apensamento de documentos. Esse tipo de sistema cria condições para que se possa reunir dados e informações e, a partir deles, criar repositórios a serem usados pela IA”, explicou Ribeiro.

Segundo o professor da UNIRIO, a lógica dos repositórios certamente ajudaria as bibliotecas jurídicas a construir uma base de conhecimento (pareceres técnicos, doutrinas jurídicas, teses, etc.) que, transformada em assertivas – ou seja, afirmativas geradas pela IA a partir das percepções, experiências e estudo do usuário –, poderiam ser aproveitadas para direcionar alguma sentença judicial ou dar apoio ao juiz durante a análise de um processo. Além disso, há também a possibilidade do uso da inteligência artificial para ampliar a velocidade e eficiência de serviços ligados à biblioteconomia como: catalogação, classificação e indexação. Outro exemplo mais prático para as bibliotecas, de acordo com Ribeiro, é utilizar dados estatísticos para entender o perfil do usuário e traçar planos de ação para servi-lo melhor, como disponibilizar novos exemplares de uma obra muito procurada, por exemplo. “Há um casamento bastante natural entre a IA e a estatística”, diz.

As possibilidades são infinitas, mas o especialista destaca que a transformação digital, principalmente a IA, traz consigo preocupações complexas que precisam ser discutidas para que a sociedade consiga chegar a um equilíbrio homem *versus* máquina. “A produção de materiais usando IA levanta questões fundamentais envolvendo ética e direitos. De quem são esses direitos? Qual é a ética considerada na criação de um vídeo a partir de textos que alguém apresenta para uma ferramenta de IA, por exemplo?, indaga o palestrante.

Sobre o *II Enabijud*, Dr. Carlos Alexandre Bötther, coordenador da Rede Bibliomemojus e juiz de Direito do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) destaca que o evento organizado pelo CCJF reforça o protagonismo do Centro Cultural como centro de referência para a cultura e memória do Poder Judiciário e da sociedade brasileira, fortalecendo seu importante papel de preservação de memória e promoção da cultura e dos direitos humanos. E que venham os próximos encontros.



## O protagonismo feminino na produção teatral

por **Paula Furtado e Raquel Penner**  
atrizes e produtoras teatrais

*As artistas fazem parte do projeto "Mulheres da Palavra - Ana, Cora e Carolina".*

***"Para que mulheres possam ascender cada vez mais na hierarquia econômica e artística, é essencial romper com as barreiras invisíveis - mas profundamente enraizadas - do patriarcado."***

A história do Brasil é formada pela presença de mulheres inspiradoras e revolucionárias que, apesar dos obstáculos impostos por uma sociedade machista e patriarcal, abriram caminhos e inspiraram novas gerações. Entretanto, o apagamento das contribuições femininas é também parte da nossa história enquanto país e sociedade, uma realidade inegável, especialmente no que tange às mulheres artistas, criadoras e em posições de liderança.

Apesar dos avanços no mercado de trabalho nas últimas décadas, ainda é evidente que muito precisa ser feito para garantir o protagonismo feminino nas organizações brasileiras. A conscientização sobre os direitos das mulheres é fundamental, mas a verdadeira transformação é estrutural e necessária para diminuir a desigualdade e a persistente violência de gênero. E, se fizermos um recorte de raça e falarmos somente sobre as mulheres negras, a estrutura é ainda mais desigual e desafiadora.

O estímulo ao protagonismo feminino é, sem dúvida, uma questão de urgência. No universo do teatro brasileiro, observa-se a trajetória de mulheres atrizes, produtoras e proprietárias de companhias teatrais que, apesar de atuarem com destaque, produzindo pelo Brasil afora, muitas vezes eram ofuscadas pela figura masculina, que se tornava uma espécie de "validação" de suas capacidades. Essa percepção perpetuava a ideia do "Homem de Teatro", com toda a pompa e a beleza que isso significava, enquanto a expressão "Mulher de Teatro" raramente era empregada ou valorizada e, quando usada, tinha uma conotação pejorativa e de inferiorização da mulher.

Com o passar dos anos, o movimento da produção teatral brasileira tem testemunhado reviravoltas significativas. Mulheres ganharam destaque como administradoras de projetos, produtoras e atrizes, não apenas movimentando a economia e a cultura das cidades, mas, também, fazendo ecoar a voz de outras mulheres por meio da arte. É possível citar alguns exemplos, como o "Movimento de Solo", com idealização de Daniele Avila Samall e Soraya Ravenle, que apresentou diferentes monólogos femininos no Teatro Domingos de Oliveira, no Rio de Janeiro, em 2024; o Festival Internacional "Solos Fértéis", que acontece em Brasília desde 2010, com direção de Luciana Martuchelli, reunindo diversas artistas mulheres; a Mostra "Mulheres da Palavra: Ana, Cora e Carolina", reunindo monólogos sobre três grandes escritoras brasileiras: Ana Martins Marques, Cora Coralina e Carolina Maria de Jesus; o Festival Internacional de Comicidade "Esse Monte de Mulher Palhaça" já está em sua 10ª edição; a Ocupação Ovárias e o Slam das Minas. Todos estes são projetos idealizados e realizados por artistas mulheres.

A luta pela igualdade de gênero, pelo respeito às mulheres e pela valorização da cultura feita por mulheres é diária e está longe de acabar. No entanto, é possível vislumbrar um horizonte na cultura onde a expressão "Mulher de Teatro" é cada vez mais reconhecida e celebrada. Para que mulheres possam ascender cada vez mais na hierarquia econômica e artística, é essencial romper com as barreiras invisíveis - mas profundamente enraizadas - do patriarcado. Neste contexto, empresas, companhias e artistas comprometidos com a diversidade e a inclusão são imprescindíveis, não apenas para impulsionar o trabalho e a arte feminina, mas também para fomentar discussões e transformações políticas e socioeconômicas mais amplas e concretas.